

Professor de Comunicação diz que liberdade de expressão está condicionada

# O jornalista e a falta de (in)formação

Lia Coelho  
lia.coelho@hojemacau.com.mo

ENQUANTO se discute uma revisão da lei, o estatuto do jornalista e um organismo que regule a profissão, o Hoje Macau voltou aos bancos da faculdade. A aula foi dada por dois coordenadores de licenciaturas de Comunicação, na Universidade de Macau (UMAC) e na Universidade de São José (USJ). Agnes Lam e José Manuel Simões falam num ensino onde se promove o pensamento crítico. Manuel Simões põe em causa o que nos dias de hoje é ser jornalista, numa "era em que se vende sexo e sangue". Lam pede cuidado na hora de criar um conselho regulador.

O jornalismo como quarto poder tende a perder terreno, passando a ser o quarto do poder, argumenta Manuel Simões. "O papel do jornalista está limitado pela acção dos grandes grupos económicos. As relações de convivência com os diferentes poderes restringem e põem em causa a sua integridade."

Para o docente, é importante ser definido um código de conduta, que oriente o profissional. Contudo, defende que um código deontológico não sanciona violações éticas. "É necessário ter princípios deontológicos que regem a comunidade, mas este factor é normativo - visa apenas as relações entre as fontes e o jornalista enquanto quarto poder." O problema que se levanta "é a falta de memória nas redacções, porque a maior parte dos profissionais do sector não sabem sequer o código deontológico, nem seguem linhas editoriais".

Agnes Lam sustenta também a ideia de mudança - mas a nível técnico, não nos princípios básicos. "A protecção dada aos jornalistas é suficiente e isso não precisa de ser alterado." A professora diz ainda que se os profissionais do sector sentem necessidade de criar a figura de um conselho então que o façam, mas com muita atenção - quem vai integrar o organismo e como vai funcionar. "O organismo pode receber queixas e fazer o seu papel, mas temos que ser cuidadosos com a forma como é criado. O Governo tem que ter isto em atenção."

A outra alternativa que Lam dá é a regulação interna. Se uns querem outros nem por isso lhes agrada ser

regulado. A docente dá o exemplo da comunicação social chinesa, "que não quer mudanças, nem lhe agrada a ideia de um Conselho de Imprensa e de Audiovisual".

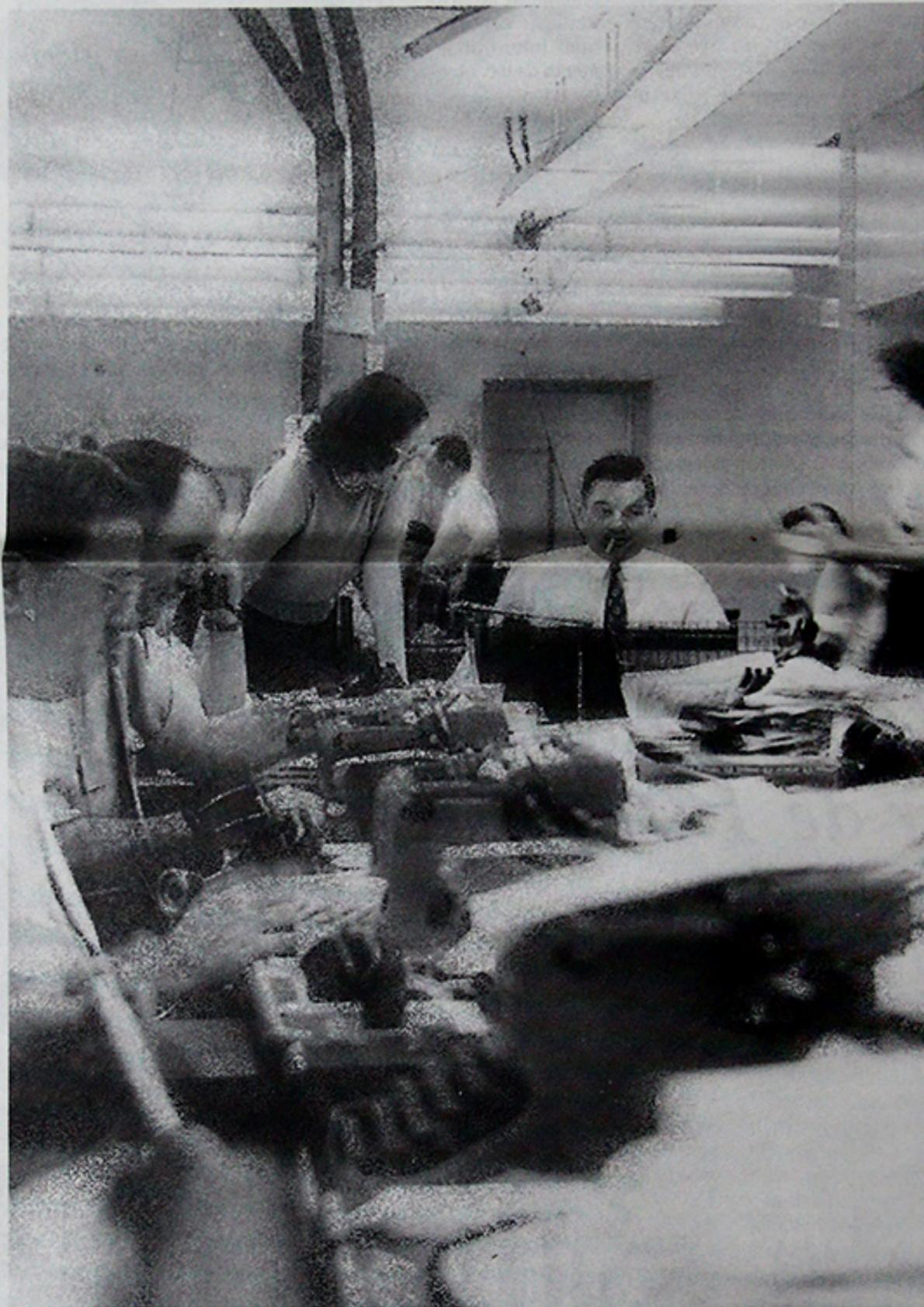
## QUEM É O JORNALISTA?

José Manuel Simões afirma que os jornalistas de hoje já não cumprem

o papel que lhes é destinado - informar e formar. Algo está ser descurado pela classe, que deixou há muito de comunicar, passando agora a seguir a linha do que vende - o sensacionalismo. "Se não se informa não se cumpre o papel."

Para quem está na área e põe em causa o seu próprio papel, o

docente apresenta uma solução: o jornalismo positivo. "Uma corrente na qual se confronta as relações com os poderes e se tenta contornar a acção do jornalista, que actualmente é muito focada na ideia de sensacionalismo. Eu chamo de positivo, porque os factos são construtivos."



Esta solução mereceu a crítica dos jornalistas locais. "É utópico, não existe." Contudo, o coordenador considera que é esta a via para resolver muitos dos problemas que a comunidade jornalística enfrenta. "Se o jornalista conseguir um comportamento que atraia sem violar - que o torne apelativo ao consumidor, sem que se quebrem as regras básicas de ética e deontologia. O consumidor agradece, está cansado de ser violado com sangue e sexo. Já rejeitam a personagem do jornalista."

## O QUE ENSINA MACAU

Os cursos de comunicação primam por uma forte competência prática, descrevem ambos os coordenadores. A aposta é também desenvolver um sentido crítico nos futuros profissionais da área. "Há disciplinas que os fazem pensar e que promovem a crítica social - porque o papel do jornalista não é escrever, nem aceitar tudo o que lhe é dito", defende Agnes Lam.

Para ensinar a ser jornalista, os dois docentes falam de uma base teórica tradicional - para que se veja a comunicação como um instrumento para dar e receber informação. Da UMAC, a grande fatia de recém-licenciados em comunicação não segue o caminho do jornalismo. Com preparação para outras vertentes, como multimédia e relações públicas, são muitos o que optam por este tipo de trabalho. "O mercado é maior", comenta Lam.

O curso de Comunicação e Media na USJ tem apenas três anos e, quanto a saídas profissionais, ainda é cedo para falar. Em estudo estão estágios, que Manuel Simões gostaria que fossem remunerados. Em sentido convergente está também a promoção da vinda de jornalistas de outras latitudes, "para que seja dada a oportunidade aos alunos de se aproximarem da profissão".

As licenciaturas têm como língua de ensino o inglês. Na USJ, as cadeiras de português e chinês são obrigatórias. Na UMAC, o aluno pode optar por aprender em inglês ou chinês. "Não é o ideal, mas achámos que seria a melhor solução para Macau", refere Agnes Lam.